

MANIFESTAÇÃO NAS REDES: O COMBATE AO FASCISMO A PARTIR DO WEBSITE *OFICINA ANTIFASCISTA*

Débora Millene de Santana Feitosa¹

Karine Cláudia de Araújo²

Ítalo Eduardo da Silva³

Ryckel Mynackson Farias Barbosa⁴

RESUMO

O século XXI tem sido palco do avanço de diversos indivíduos e grupos políticos e partidários de caráter neofascista. No Brasil, tal realidade pode ser vista, dentre outras formas, com a ascensão do Bolsonarismo e de sua política conservadora e extremista, cujos discursos e práticas recebem apoio de parte expressiva da população brasileira, incluindo o público mais jovem, inserido nas redes sociais e bombardeado por informações falsas, negacionistas e/ou conspiratórias, construídas para atender aos interesses ideológicos de determinados grupos. Através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvemos um projeto visando a construção de um ensino de história que combata o avanço de discursos e práticas fascistas, junto ao nosso professor supervisor e aos estudantes do 3º ano “A” da EREM Maciel Monteiro, do município de Nazaré da Mata, PE. No primeiro momento, discutimos com o alunado, em um período de duas aulas, conceitos fundamentais na compreensão do “fascismo”, as experiências fascistas do século XX e como, no presente no século, políticos, influenciadores e empresários têm promovido narrativas de caráter fascista: operando revisionismos históricos, através de negacionismos, apagamentos e manipulações. No segundo momento, efetuamos a criação de um *site*, onde os alunos puderam editá-lo, construindo uma plataforma que verbalizasse os conteúdos debatidos anteriormente – como pretendemos explorar nesse artigo. Na elaboração desse projeto, buscamos aprofundar as discussões em relação a conceitos como “fascismo”, “neofascismo” e “cultura do ódio”, e acerca da necessidade de (re)pensar um ensino de História que considere o lugar das tecnologias digitais no processo educacional e na formação da Consciência Histórica dos alunos. Portanto, o presente trabalho tem por objetivo expor os resultados das atividades desenvolvidas junto aos estudantes e o *site* criado por eles, na promoção de um ensino de História antifascista.

Palavras-chave: Consciência Histórica, Ensino de História, Fascismo.

INTRODUÇÃO

Nas páginas finais de seu livro *Anatomia do Fascismo*, o historiador estadunidense Robert Paxton afirma que “o fascismo [...] ainda é visível nos dias de hoje, como também o são os comportamentos coerentes com esses sentimentos” (PAXTON, 2007, p. 360). A afirmação acerca da existência de grupos e indivíduos que compactuam com “sentimentos” de ordem fascista pode ser comprovada nas diversas esferas da vida pública e privada. Figuras políticas, empresários, influenciadores digitais. Apesar da multiplicidade das experiências

¹ Graduanda no Curso de Licenciatura em História pela Universidade de Pernambuco (UPE)

² Graduanda no Curso de Licenciatura em História pela Universidade de Pernambuco (UPE)

³ Graduando no Curso de Licenciatura em História pela Universidade de Pernambuco (UPE)

⁴ Graduando no Curso de Licenciatura em História pela Universidade de Pernambuco (UPE),
ryckelmynackson.12@gmail.com

fascistas ao longo da história e na atualidade, existem certos “aspectos generalizantes”. Talvez o aspecto mais marcante, nesse sentido, seja o “consentimento para um agir político movido pelo ódio e pela recusa na aceitação do *Outro*” (SCHURSTER; SILVA, F. 2022, p. 18). De acordo com a antropóloga Adriana Dias, entre janeiro de 2019 e maio de 2021, o crescimento de grupos neonazistas no Brasil teve um aumento de 270,6%, contando com até 10 mil pessoas, em 530 núcleos espalhados por todo o país. Ela comenta: “eles começam sempre com um masculinismo, ou seja, eles têm um ódio ao feminino e por isso uma masculinidade tóxica. Eles têm antissemitismo, eles têm ódio o negro, eles têm ódio a LGBTQIAP+, ódio a nordestinos, ódio a imigrantes, negação do holocausto”⁵.

Com a avanço das redes sociais, perfis anônimos utilizam os espaços digitais para promoção de discursos de supremacia racial, de ódio às diversidades e de exaltação a regimes autocráticos e líderes de extrema direita. Assim, como destacam Ewerton Ferreira e Jaqueline Quadrado (2020, p. 422), “as redes sociais produzem uma espécie de validação do ódio.” Conforme demonstram os dados apresentados pelo Observatório Nacional dos Direitos Humanos (ObservaDH) do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, entre os anos de 2017 e 2022 ocorreram 293,2 mil denúncias “de crimes de ódio motivados por preconceito ou intolerância contra grupos ou indivíduos por sua identidade ou orientação sexual, gênero, etnia, nacionalidade ou religião” (BRASIL, 2024). Ainda segundo o levantamento, o crime de misoginia foi o que mais cresceu no período, com um aumento de quase 30 vezes (de 961 em 2017 para 28,6 em 2022, atingindo um total de 74,3 mil casos registrados durante os 5 anos). Entre outros crimes, estão milhares de denúncias referentes a racismo (45,6 mil), neonazismo (32,6 mil), LGBTfobia (28,3 mil), xenofobia (25,9 mil) e intolerância religiosa (10,2 mil)⁶.

Os profissionais da Educação têm percebido o avanço de tais discursos e práticas em suas salas de aula. O ódio e a discriminação às minorias vêm acompanhados da admiração a líderes políticos que compartilham dos mesmos preconceitos, como a ascensão do Bolsonarismo e da extrema direita brasileira deixaram visível. Diante dessa realidade, é necessário pensar propostas educacionais que busquem trabalhar com os discentes os perigos

⁵ Disponível em: https://g1-globo-com.cdn.ampproject.org/v/s/g1.globo.com/google/amp/fantastico/noticia/2022/01/16/grupos-neonazistas-crescem-270percent-no-brasil-em-3-anos-estudiosos-temem-que-presenca-online-transborde-para-ataques-violentos.ghhtml?amp_gsa=1&_js_v=a9&usqp=mq331AQIUAKwASCAAgM%3D#amp_tf=De%20%251%24s&aoh=17542579375329&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&share=https%3A%2F%2Fg1.globo.com%2Ffantastico%2Fnoticia%2F2022%2F01%2F16%2Fgrupos-neonazistas-crescem-270percent-no-brasil-em-3-anos-estudiosos-temem-que-presenca-online-transborde-para-ataques-violentos.ghhtml. Acesso em 3 de agosto de 2025.

⁶ Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/incitacao-a-violencia-contr-a-vida-na-internet-lidera-violacoes-de-direitos-humanos-com-mais-de-76-mil-casos-em-cinco-anos-aponta-observadh> em 5 de agosto de 2025.

de regimes autoritários, de suas estratégias retóricas, suas dinâmicas e articulações políticas. Portanto, buscamos promover, junto aos estudantes do 3º ano “A” da EREM Maciel Monteiro (Nazaré da Mata, PE), a construção de um *site*, a fim de desenvolver um espaço digital para a socialização dos debates estabelecidos em sala de aula acerca do fascismo, sua experiência histórica no século XX e a manifestação de seus valores e ideias na atualidade. Portanto, apresentaremos nesse artigo os resultados de nossa proposta educacional e o *site* construído pelos estudantes, buscando contribuir para os debates acerca das possibilidades da prática do Ensino de História e da necessidade de promover uma educação antifascista.

METODOLOGIA

O projeto aplicado no 3ºA da Escola Estadual Maciel Monteiro foi desenvolvido com três métodos: aulas expositivas, debate com o alunado e, principalmente, a produção de um *site*.

Inicialmente, uma aula foi ministrada pelos pibidianos, com a exposição da temática, bem como a proposta da oficina. No início foram trabalhados os conceitos históricos, filosóficos e sociais que permeiam este estudo, sendo eles: fascismo, neofascismo e cultura do ódio, utilizando a projeção de slides, para descrição e exemplificação dos processos que se pretende dispor para aprendizagem, apresentando o contexto da origem de cada termo e situando-os nos recortes históricos pertinentes.

Logo, buscamos discutir, através de imagens, a ascensão dos fascismos do início do século XX, analisando os processos da Alemanha Nazista, com a atuação de seu líder mais conhecido, Adolf Hitler, e na Itália, durante a ditadura de Mussolini, atrelando-os à compressão das práticas, que constituem um sistema fascista, tais como: monopolização política e ideológica, centralização da figura de um herói nacional, e principalmente o “outro” - conceito fundamental para analisar sistemas totalitários, pois, fundamenta-se no entendimento da exclusão dos sujeitos que não demonstram características toleráveis ao projeto político proposto - sendo eles: homossexuais, negros, indígenas, mulheres e não-cristãos. Assim, vemos que o fascismo tem cor, gênero, religião e sexualidade definidos e, quando não seguidos, o indivíduo torna-se um alvo a ser eliminado (PAXTON, 2023).

Nesse sentido, foram explicitadas as reconfigurações desse fascismo na atualidade, através da exposição do conceito de “neofascismo”, e como ele tem encontrado ressurreição com os negacionismos atuais, divulgações midiáticas e movimentos extremistas, como o

bolsonarismo. Realizamos esse debate através de imagens, vídeos e posts das mídias sociais dos movimentos da extrema-direita entre 2019-2022.

Posteriormente, a fim de consolidar a identificação da estrutura fascista, foram discutidas algumas figuras da atualidade, para compreender como este sistema se organiza no século XXI; foram utilizadas as figuras de Elon Musk, Mark Zuckerberg, Donald Trump e Bolsonaro. Adicionalmente, foram tratados eventos como a tentativa de golpe de Estado ocorrida no dia 8 de janeiro, no Brasil, e movimentos anti-imigração nos Estados Unidos. Tratando-se de história, trouxemos a plataforma de streaming Brasil Paralelo, a fim de discutir as narrativas fascistas atreladas a eventos históricos.

Ademais, utilizamos a coleção *Feminismos Plurais*, organizada por Djamilla Ribeiro, com a obra de Luiz Valério Trindade, intitulado *Discurso de Ódio nas Redes Sociais*, para promover um debate sobre como as plataformas digitais são veículos de divulgações fascistas, reforçando estigmas, e, no recorte dos escritores, racismo. Através dos slides foram expostos posts do facebook, instagram e vídeos do youtube, que evidenciam o movimento em questão. Posteriormente, com o objetivo de assegurar a aprendizagem, foi proposto um debate com o alunado para exposição de pontuações, questões e acréscimos. Eles foram provocados a discutir conceitos, bem como os movimentos citados, contextos e temporalidades apresentadas. Esses elementos foram trabalhados com os estudantes a fim de garantir o preparo adequado para o desenvolvimento da atividade principal.

Desse modo, trouxemos a proposta de uma produção digital, intitulada *Oficina Antifascista*. Os estudantes tornam-se os protagonistas no desenvolvimento da aprendizagem, proposta do movimento da Escola Nova, bem como propagada pelo filósofo e educador Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia*. Logo, trata-se de uma metodologia ativa, reconhecendo as especificidades, habilidades e perfil dos estudantes para o desenvolvimento dos conhecimentos escolares.

Adicionalmente, dentro da pluralidade das metodologias ativas, propomos o uso da tecnologia como principal meio de produção, especificamente na criação e desenvolvimento de um site para divulgação dos conhecimentos debatidos pelos alunos, o *Webnode* foi a plataforma escolhida para construção do site. Em seguida, apresentamos a plataforma com diferentes modelos e designs, para que os estudantes do 3º A escolhessem as cores e o layout que mais lhes interessassem.

A turma foi então dividida em quatro equipes temáticas, organizadas da seguinte forma: Equipe 1 - Alunos responsáveis pela escrita dos conceitos históricos e sociais

principais do projeto, sendo orientados pela pibidiana Débora Millene; Equipe 2 - Alunos responsáveis pela descrição de figuras centrais do fascismo no século XX, sendo orientados pela pibidiana Karine Claudia; Equipe 3 - Alunos responsáveis pela análise crítica do neofascismo, especificamente nas figuras de Elon Musk, Mark Zuckerberg, Trump e Bolsonaro. Sendo orientados pelo pibidiano Ryckel Mynakson; Equipe 4 - Alunos responsáveis pela análise crítica e descrição de casos reais do fascismo na ação civil, tais como a tentativa de golpe no dia 8 de janeiro e ação policial estadunidense no trato com imigrantes, negros, movimentos de resistência etc. Sendo orientados pelo pibidiano Ítalo Eduardo. Logo, toda turma ficou responsável pela produção individual dos tópicos, bem como a idealização artística do site.

Como aponta o professor universitário José Moran (2015, p. 2):

O que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente.

O autor trata a tecnologia como uma ponte entre dois mundos, pois, o século XXI tornou a tecnologia uma extensão da forma de existir no mundo. Portanto, nossa sociedade tornou-se integrada para a realidade intangível dos *likes*, compartilhamentos, plataformas e, *games*. Logo, as metodologias tecnológicas são instrumentos positivos para educação na atualidade; os adolescentes conhecem o mundo digital, a integração de ambos produz um envolvimento significativo e proveitoso. Acrescentamos que essa conexão será fundamental para humanizar as redes, bem como para construir um pensamento crítico e consciente no público escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

O primeiro conceito teórico que iremos abordar nesse trabalho é o de *Fascismo* a partir da abordagem de Robert O. Paxton em seu livro: *Anatomia do Fascismo* (2023). Tendo o foco na explicação dos estágios que moldam o fascismo, Paxton discute essas ideias até chegar à conclusão do que esse conceito significa.

Para o autor, o fascismo tem que ser definido como um comportamento de preocupação excessiva de uma sociedade com a decadência moral e cívica, a partir de um

grupo específico, que se encontrando (como acreditam) encurralados e perdendo seu prestígio, evocam uma luta nacionalista para enfrentarem os inimigos, sejam eles internos ou externos; atacando minorias, pessoas de outra cor de pele, outros partidos e afins, tudo para que possam manter o *status quo* que em sua visão lhes é próprio; ignorando processos democráticos e civis, justificando como um processo redentor (PAXTON, 2023, p. 324).

O segundo conceito que trabalharemos nesta pesquisa é o de *Cultura do Ódio*, a partir da visão de Luiz Valério Trindade em seu livro: *Discurso de ódio Nas Redes Sociais*, lançado em 2022. O foco teórico disposto nesse texto é como o discurso de ódio está cada vez mais presente nos ambientes digitais, servindo como parte da personalidade de diversos usuários e o molde das suas visões de mundo através das redes sociais; em um ambiente conhecido como “terra sem lei”.

Para Trindade (2022), a *Cultura do Ódio* é desenvolvida e transmitida na internet, principalmente mediante a expansão de sua importância e inserção na vida das pessoas. Pois, como ele pontua, inicialmente nos anos 90 a abertura da internet à população era pouca; nem todos tinham acesso à rede de comunicação. Além disso, o meio de comunicação antigamente, ou conhecido também como *Web 1.0*, seguia um ambiente totalmente textual. Desta forma, com esses dois elementos, assim como pontuado pelo autor: a inserção da internet no meio público mais abarca as pessoas brancas que possuem uma acessibilidade maior em relação as pessoas negras e o ambiente como um todo na nova era – *Web 2.0* – com uma imersão maior no visual, fotos, videochamadas e outros alavancam o preconceito, mostrando a fragilidade do ambiente virtual como um espaço seguro e regado (TRINDADE, 2022, p. 29 – 30).

Quando olhamos para ambas as teorias, identificamos o espaço virtual como um ambiente em que se propagam essas ideias fascistas e de deslegitimação do *Outro* como uma pessoa. Como pontuou Trindade (2022), o espaço virtual se torna um ambiente de máscaras, do anonimato, em que as pessoas que fazem ataques racistas, homofóbicos, transfóbicos, xenofóbicos etc., se acham escondidos e protegidos perante as redes sociais, sabendo que a chance de serem punidas são baixas, e que, se banidas, basta criar uma conta nova. Já como proposto por Paxton, esses ambientes virtuais são um novo espaço de propagação dessa violência antidemocrática e não-civil, pois as atitudes são as mais vis, sempre sobre o viés dos bons valores perdidos e da moral fragmentada da nação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O trabalho com a turma do 3º ano “A” foi baseada através do que é proposto por Botelho e Silva (2023, p. 105), em que, a partir das metodologias ativas, as atividades devem ser integradas de acordo com o nivelamento da turma e dos alunos, podendo então, haver uma variação que se adeque aos seus níveis de aprendizado. A partir do que foi proposto à sala e a sua imersão na atividade, os resultados obtidos através do trabalho efetuado pela sala do 3º ano “A” em conjunto foram a criação do site *Oficina Antifascista*, a partir do criador de sites gratuitos *Webnode*.

O trabalho desenvolvido com os alunos ocorreu na sala de informática da escola, onde eles se dividiram em grupos e cada grupo tinha seus subtemas para tratar, sendo entre os temas disponíveis: As principais figuras do fascismo do século XX, as principais figuras do fascismo no século XXI e as plataformas fascistas existentes através das redes sociais. Cada grupo teve um dos pibidianos como supervisor, auxiliando, indicando *sites*, notícias, livros e produções acadêmicas que fossem possíveis para ajudar os alunos.

A montagem do *site* se deu a partir dos pibidianos sendo editores e administradores da página, coordenando a entrada dos alunos enquanto apenas editores do conteúdo. Para isso, um de nós pegamos os *e-mails* dos discentes e enviamos uma autorização para a entrada de alguns alunos e seus respectivos grupos.

A produção do *site* ocorreu durante três semanas na escola, com dias determinados para a intervenção e principalmente considerando a agenda dos pibidianos, para que assim houvesse uma participação conjunta do quarteto, possibilitando a ajuda de cada um e o seu respectivo grupo.

A realização do *site* gerou o material que estará disponível nas fontes abaixo e que poderá ser acessado pelos estudantes. A partir das compilações dos materiais de aprendizado, eles sintetizaram a sua forma os seus conteúdos, fazendo uso de texto, imagens, sites e pontuações acerca do que cada um estava trabalhando.

Um ponto interessante a ser feito é o aprendizado da turma enquanto produzia os materiais do site, já que várias informações para eles eram novas, além por exemplo, de Adolf Hitler, Mussolini e o nazismo e fascismo. Então a procura por figuras como Viktor Órban, Jair Bolsonaro, Antônio Salazar e outros foi de grande abrangência aos alunos e o seu aprendizado, assim como também as plataformas *big-techs* e seus ideários ligados ao fascismo.

A Oficina Antifascista com a turma do 3º ano “A” foi, de fato, algo marcante e transformador para os estudantes e para quem conduziu o projeto. Tornou-se muito mais do

que uma atividade escolar comum, essa proposta se revelou um lugar de diálogo, escuta atenta, e, ainda mais, uma construção coletiva de saberes importantes. A intenção, desde o começo, era criar um ambiente onde os jovens pudessem entender o fascismo, não só como um tema distante da história, mas como algo humano, social e político, que ainda, ressoa em várias formas no mundo de hoje.

A atividade principal de criar um *site*, com textos criados pelos próprios alunos, foi o ápice da oficina. Essa parte da experiência instigou um sentimento forte de autoria e pertencimento neles, pois, ao constatarem que suas ideias poderiam ser expostas e divulgadas, os alunos se dedicaram de forma natural, mostrando curiosidade, criatividade, além de sensibilidade. Muitos se dedicaram com afinco a investigar, escrever e dar atenção ao conteúdo, mostrando que, quando os jovens se sentem escutados e atuantes, o aprendizado se dá de forma bem mais profunda.

O processo de construção do *site* realmente revelou o lado criativo da turma. Os alunos, incrivelmente motivados e dedicados, estavam abertos a aprender novas linguagens e ferramentas digitais. Essa fusão fascinante entre o conteúdo histórico e o uso da tecnologia, ela despertou o interesse e até ajudou na compreensão do tema, tornando o aprendizado bem mais dinâmico e próximo da realidade deles. Vendo suas criações ganharem vida em um espaço virtual, os estudantes captaram o poder da comunicação como uma ferramenta de expressão e de saber.

As conversas em grupo, igualmente, expuseram a força do diálogo, quando, com cuidado, mediado. Houve lugar para interrogações, desarmonias e intercâmbios de pontos de vista, sempre conduzidas com respeito e maturidade. A oficina, desse modo, desempenhou uma função instrutiva, ultrapassando os temas; auxiliou os alunos a debaterem, ouvirem o outro, e a criar no coletivo. Foi um ato de cidadania na sua apresentação mais real.

O *site* da turma virou um símbolo desta jornada. Ele é um registro vibrante do pensamento e da voz estudantil. Cada texto, cada reflexão postada ali, revela não apenas o aprendizado sobre o antifascismo, mas também a descoberta que o conhecimento pode ser uma ferramenta para mudar a sociedade. O digital, naquele contexto, foi mais que tecnologia, foi uma ponte entre a escola e o mundo lá fora, permitindo que os alunos enxergassem a importância de suas vozes na sociedade.

Ao findar, os resultados apareceram notavelmente bons. A animação dos alunos, a participação nos debates e a qualidade dos trabalhos escritos desvendou o quanto importante e inspirador o tema foi. A oficina ajudou a intensificar a postura crítica, a visão histórica, e a

ligação com valores humanos essenciais, como o respeito, à liberdade e a justiça, fez com que os alunos enxergassem a importância das suas opiniões na sociedade.

Mais do que compreender o fascismo como um episódio do passado, os alunos voltaram da experiência com uma percepção bem maior dos perigos, como a indiferença, a manipulação, e a desinformação. Eles captaram que o antifascismo, mais que tudo, é uma atitude ética, um lance diário com a vida, com os outros, e com a dignidade.

Em suma a oficina antifascista lançou uma semente. Essa semente gerou reflexão, consciência e empatia. E, no caso da educação, cujo grande trabalho é formar pessoas capazes de pensar, sentir e agir de forma responsável, essa experiência correspondeu ao seu objetivo de maneira notável.

Finalmente, é crucial perceber que ações desse tipo reforçam o papel da escola como um santuário de resistência, memória e cidadania em desenvolvimento. Num período onde o discurso de ódio e a intolerância encontram terreno fértil, projetos pedagógicos que desafiam os alunos a examinar o passado e o presente, de forma crítica, são simplesmente essenciais. A escola, fomentando a escuta atenta, o debate construtivo e a reflexão histórica, cumpre sua missão mais preciosa: educar indivíduos cientes do seu lugar no mundo, prontos para lutar por uma sociedade mais justa, plural e genuinamente democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Ensino de História necessita de abordagens que foquem nas questões centrais da contemporaneidade. Como buscamos demonstrar ao longo desse texto, nosso trabalho junto aos estudantes da EREM Maciel Monteiro, buscou não apenas discutir com eles os conceitos e os debates historiográficos sobre os fascismos históricos, mas auxiliar o alunado a visualizar como, mesmo após a derrota do nazismo na Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), as ideias fascistas permanecem vivas na contemporaneidade.

Como buscamos trabalhar durante as aulas, grupos fascistas operam através de revisões históricas e de discursos de ódio. A História é utilizada como campo de batalha para atender aos interesses de indivíduos e grupos políticos que buscam encontrar no passado os fundamentos de suas ideias preconceituosas. Com isso, um verdadeiro perigo se percebe em nossa sociedade: a ascensão de movimentos e governos autoritários, cuja política repressiva e excludente representa uma séria ameaça a grupos marginalizados por diferentes razões (cor, gênero, sexualidade, condição social, nacionalidade, religião...).

É com base nessas reflexões que acreditamos que o trabalho por nós desenvolvido deve ser encarado não como uma simples atividade didática, mas como uma vivência capaz de construir sentidos de humanidade e alteridade entre os estudantes. Esperamos, portanto, que a socialização dessa proposta e de sua aplicação possa contribuir para os debates sobre Ensino de História e combate ao autoritarismo e às ondas fascistas que rodeiam a nossa sociedade. Afinal, ensinar História é, entre outras coisas, auxiliar na construção de indivíduos capaz de refletir sobre a sociedade e encontrar meios de coexistências baseadas no respeito, na valorização da diversidade e na defesa da democracia e dos direitos humanos.

FONTES

Oficina Antifascista. Disponível em: <https://oficina-antifascista.webnode.page/>. Acesso em 10 de outubro de 2025.

Grupos neonazistas crescem 270% no Brasil em 3 anos; estudiosos temem que presença online transborde para ataques violentos. Disponível em: <https://g1-globo.com.cdn.ampproject.org/v/s/g1.globo.com/google/amp/fantastico/noticia/2022/01/16/grupos-neonazistas-crescem-270percent-no-brasil-em-3-anos-> Acesso em 3 de agosto de 2025.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Incitação à violência contra a vida na internet. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/incitacao-a-violencia-contr-a-vida-na-internet-lidera-violacoes-de-direitos-humanos-com-mais-de-76-mil-casos-em-cinco-anos-aponta-observadh> Acesso em 5 de agosto de 2025.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, Rafael Lucas Barros; SILVA, Adriene Stéfane. O uso de metodologias ativas no ensino de História. **Revista Perquirere**, V. 20, N. 3, Minas Gerais, p. 100 - 117, 2023.

FERREIRA, E. S.; QUADRADO, J. C. Ódio e intolerância nas redes sociais e digitais. **Revista Katál**. Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 419 – 428, 2020.

FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R. S.; SILVA, G. J. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade. **Revista Brasileira de História**. 40 (84), mais/aug, 2020.

MORAN, J. Mudando a Educação com metodologias ativas. [Coleção Mídias Contemporâneas. **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania**: aproximações jovens. Vol. II], 2015.

PAXTON, R. Anatomia do Fascismo. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. 2º edição. Rio de Janeiro: **Paz & Terra**, 2023.

SCHURSTER, K.; SILVA, F. C. T. Passageiros da Tempestade: Fascistas e negacionistas do Tempo Presente. Recife: **Cepe**, 2022.

SILVA, G. J. História Antiga e usos do Passado: um estudo de apropriações da antiguidade sob o regime de Vichy (1940 – 1944). São Paulo: **Annablume**; Fapespe, 2007.

TRINDADE. L. V. Discurso de ódio Nas Redes Sociais. São Paulo: **Pólen Livros**, 2022.